

# Portugal de calções – para uma génese do desporto enquanto fenómeno mediático

PINHEIRO, Francisco

## Resumo

O desporto, sobretudo o futebol, é o fenómeno mediático mais marcante da sociedade portuguesa contemporânea. Pensar a origem deste fenómeno de popularidade, a partir do processo evolutivo da imprensa desportiva, é o objetivo deste artigo.

**Palavras-chave:** Portugal – Desporto – Imprensa – Popularidade.

## Abstract

Sport, especially football, is the most mediatized phenomenon in the Portuguese contemporary society. Thinking about the origin of this phenomenon of popularity, from the perspective of the sport press history, is the major goal of this article.

**Keywords:** Portugal – Sport – Press – Popularity.

---

## Introdução

Ao longo do século XX, os indivíduos e as sociedades passaram a viver grande parte das suas experiências culturais através dos *media*, na linha do que Thompson (1990) definiu como a “mediatização da cultura moderna”. O desporto em Portugal, enquanto “fenómeno social total” (Mauss, 1974), começou a conviver intensamente com essa mediatização a partir da década de 1920. E é precisamente sobre este encontro, entre desporto e *media*, que irá versar este artigo. Desde logo coloca-se uma questão: quando começou esta popularização do desporto português e a sua mediatização?

E quais as razões subjacentes a isso? Recordamos que atualmente o desporto, sobretudo o futebol, é o maior fenómeno mediático em Portugal. Em 2011, por exemplo, dos 20 programas de televisão mais vistos pelos portugueses, 17 foram jogos de futebol ou programas relacionados com esta modalidade esportiva. Além disso, os três diários desportivos portugueses (*A Bola*, *Record* e *O Jogo*) vendem mais exemplares em conjunto que os três diários generalistas. Quando começou todo este processo e o que esteve na sua génese são questões às quais este artigo pretende responder, utilizando a perspetiva evolutiva da imprensa desportiva.

## Contexto internacional

A popularidade do desporto foi um fenómeno à escala europeia na década de 1920. Um pouco por toda a Europa assistiu-se ao aparecimento de novos clubes, competições, federações, infraestruturas e, obviamente, jornais desportivos, alguns deles umbilicalmente ligados às modalidades mais populares, como o futebol, automobilismo, boxe e ténis, entre outras. Na Alemanha, por exemplo, as revistas *Der Kicker* (Karlsruhe, 1920) e *FuBball und Leichtathletik* (Duisburg, 1920) marcariam o noticiário futebolístico alemão. E ao longo da década iriam destacar-se também o *Das Weib in Sport* (1924) e o *Das Illustrierte Blatt* (1930), tendo o desporto feminino como tema de fundo. O desporto automobilístico foi outra área *mediática*, num fenómeno que não foi exclusivo da Europa, como demonstrou o caso brasileiro, com três revistas importantes: *Revista Automobilismo* (S. Paulo, 1925), *A Voz do Chauffeur* (Rio de Janeiro, 1929) e *Automóvel Club* (Rio de Janeiro, 1930). Na Europa, o mundo do automobilismo levou ao aparecimento, na Bélgica, do *Le Commerce Automobile Belge* (1928), e na Itália do *L'Auto Italiana* (1927) e, na França, do *Auto et Sports* (1922-1931).

O movimento desportivo cresceu fortemente em França, onde surgiram uma série de competições e publicações, em várias modalidades, casos da náutica (*Le Yachtsman*, 1922), pugilismo (*Le Boxe et Les Boxeurs*, 1921-1925), movimento olímpico (*La France Olympique*, 1921-1939), esgrima e tiro (*LEscime et Le Tir*, 1921-1939), aeronáutica (*LAéro-Sport*, 1922-1930) e futebol (*Football*, 1929-1944, e *Football et Sports*, 1922). E os franceses continuaram igualmente dinâmicos, apesar do domínio do diário *L'Auto* (1903), nascendo uma série de novos periódicos de qualidade, como a revista *Le Sport Universel Illustré* (1922-1935), *Trés-Sport* (1925) e *Match – Le plus grand hebdomadaire sportif* (1926-1938). Esse dinamismo do jornalismo desportivo francês estaria na génese da fundação da Association Internationale de la Press Sportive (AIPS), em julho de 1924, por ocasião dos Jogos Olímpicos de Paris.

Na Espanha, o desporto teria também uma faceta diversificada, surgindo revistas como a *Tennis* (1921) e *El Sport de Caza y Pesca* (Madrid, 1929). A popularidade do desporto espanhol cresceu enormemente, tendo como reflexo o constante surgimento de novos periódicos desportivos generalistas, como *Sporting* (Madrid, 1922), *Sports*

(Barcelona, 1923) e *Aire Libre* (Madrid, 1923). Passaram também a circular um vasto leque de revistas humorísticas especializadas em desporto, casos de *El Guirigay* (Oviedo), *La Barrila Deportiva*, *Xut!* e *Sidral Sportiv* (Barcelona). A esse cenário juntou-se o aparecimento dos primeiros diários desportivos, sinal da consolidação do desporto e deste ramo jornalístico, entre o público espanhol. O primeiro diário desportivo seria o *Excelsior* (Alcoba, 1999, p.67), lançado em Bilbao, em 31 de março de 1924, publicando-se regularmente até 1931. E, em 1926, seria a vez do *El Mundo Deportivo*, criado em Barcelona em 1906, passar de trissemanal a diário. Em Madrid, a primeira tentativa de criar um diário desportivo seria em 1930, através do *Gran Sport*, que duraria dois meses.

O surgimento dos primeiros diários desportivos na Espanha foi tardio quando comparado ao caso inglês, francês ou belga. Convém recordar que a criação de diários desportivos na Europa remontava ao século anterior, iniciada em 1852 com o lançamento do *Sportman*, em Londres. Quatro décadas depois, em 1892, seria a vez da França estreiar no campo do jornalismo desportivo diário com *Le Vélo*. E a vizinha Bélgica avançaria com *Les Sports*, em 1907.

## O primeiro diário desportivo português

Em Portugal, o meio jornalístico desportivo só começou a ter alguma dimensão editorial e sustentabilidade noticiosa no início da década de 1920, o que justificava, em grande parte, a ausência até então de tentativas de criação de diários desportivos. Recordemos que, na década anterior, a média de novas publicações desportivas, lançadas anualmente, tinha rondado somente quatro a cinco periódicos (devido à guerra e à carestia de vida). Essa média só começou a aumentar a partir de 1921, com o surgimento de 11 novos jornais desportivos, seguido em 1922 por outros 15 e em 1923 por mais 17. Desse modo, no espaço de apenas três anos, surgiram 43 novas publicações desportivas em Portugal (34 generalistas, 6 órgãos de clubes e 3 especializadas), dando finalmente uma dimensão nacional e popular ao fenómeno do desporto e ao próprio jornalismo desportivo. A esse cenário de crescimento havia que acrescentar o facto de se ter conseguido, principalmente através de três periódicos (*O Sport de Lisboa*, de 1915; *Os Sports*, criado em Lisboa em 1919; e *Sporting*, no Porto em 1921), a consolidação editorial deste género de jornalismo

nos dois principais centros urbanos do País (Lisboa e Porto).

Esse panorama de euforia à volta do desporto e do jornalismo desportivo levaria diversas personalidades a ambicionar a criação do primeiro diário desportivo português. Contudo, era preciso que se reunissem vários fatores. Em primeiro, era fundamental que os principais periódicos desportivos de Lisboa (*Os Sports*) e Porto (*Sporting*) não estivessem em atividade, abrindo o espaço jornalístico necessário ao surgimento de um diário. Em segundo, tinha que ter como base um corpo redatorial capaz de produzir diariamente um noticiário eclético e de qualidade, tarefa extremamente complicada num meio onde imperava o amadorismo. Além disso, tinha que constituir um corpo redatorial em Lisboa e no Porto, principais centros desportivos e de leitura jornalística, criando depois uma rede de correspondentes nacionais e internacionais. Em terceiro, o diário teria que ser lançado numa altura em que o movimento desportivo estivesse em grande frenesi, gerando por si mesmo um vasto noticiário, facilitando a tarefa de produção jornalística e aumentando o interesse do público. A tudo isto tinha que se aliar uma boa empresa tipográfica, que conseguisse imprimir diariamente o jornal (sem falhas nem erros ortográficos, que descredibilizavam as publicações da época) e um alargado leque de postos de venda, assim como a adesão do público ao sistema de assinaturas (principal forma de venda de jornais na época) e do meio publicitário.

Todo este leque de condicionantes reuniu-se em maio de 1924, levando uma das figuras que mais ambicionava criar um diário desportivo em Portugal, o portuense Oliveira Valença, fundador e chefe de Redação do jornal *Sporting*, a avançar finalmente com a ideia, aliando-se para isso a outra figura do desporto nacional, o lisboeta Salazar Carreira. Um dos principais motivos para o arranque do diário foi a paragem temporária do popular trissemanário lisboeta *Os Sports*, em abril de 1924 (com vista a uma remodelação) e a suspensão do semanário portuense *Janeiro Desportivo*, em maio de 1924.

Com a saída de cena destes dois rivais, a direção do outro periódico importante da época, o *Sporting*, encabeçada por Oliveira Valença, decidiu suspender a publicação, em maio de 1924, e avançar definitivamente com um diário desportivo. A esse cenário juntava-se o facto de estarem a decorrer, desde maio, algumas provas com vista aos Jogos Olímpicos de Paris, cuja abertura oficial seria em 5 de julho (disputando-se até 27 de julho), aguar-

dando-se com entusiasmo a participação da maior representação portuguesa em Olimpíadas, com 25 atletas em oito modalidades. Os Jogos Olímpicos de Paris-1924 asseguravam o volume noticioso e o interesse popular necessários para o arranque de uma publicação diária. Encontravam-se também na fase decisiva as principais provas futebolísticas, acompanhadas com expectativa por milhares de adeptos.

Assente na ideia de se publicar diariamente, com duas edições (uma em Lisboa e outra no Porto), a direção do diário seria partilhada por Salazar Carreira, responsável pela redação lisboeta, e Oliveira Valença, que ficaria encarregue da redação portuense. Alicerçado na estrutura redatorial e tipográfica que até então tinha publicado consecutivamente 165 números do semanário *Sporting*, entre março de 1921 e maio de 1924, surgiu na quinta-feira, 22 de maio de 1924, o *Diário de Sport*. No dia seguinte, na capa da “edição-sul” do *Diário de Sport*, o diretor Salazar Carreira explicaria no editorial “Apresentação” que o novo jornal tinha como missão lembrar constantemente as vantagens e as necessidades do desporto em Portugal, para que assim “o sport viva e prolifere”. E as páginas do diário iriam servir para dar a conhecer “as exigências da causa (desportiva), a indispensabilidade da propaganda da cultura física e a apologia do sport como meio de fortificação da raça”.

Apesar da “incredulidade do meio”<sup>1</sup> e das vozes negativas que vaticinavam uma rápida extinção, o *Diário de Sport* conseguiria publicar 63 números. Futebol, remo, ciclismo, vela e boxe, assim como o acompanhamento diário dos Jogos Olímpicos de Paris, foram temas em destaque. Problemas de ordem financeira e de fornecimento de papel para impressão, aliados a alguma indefinição na empresa proprietária, fizeram com que o *Diário de Sport* anunciasse, em 3 de agosto de 1924, a suspensão temporária, esperando regressar brevemente. Mas esse regresso nunca se verificou, voltando sim o seu antecessor, o semanário *Sporting*, que a 14 de novembro de 1924 retomou a publicação, novamente de cariz semanal, em papel cor-de-rosa e com o mesmo grafismo e lema: “Pela Raça”. A propriedade, edição e direção cabiam a Oliveira Valença, que formou a empresa *Sporting, Lda*. A outra referência do jornalismo desportivo português, *Os Sports*, regressou a 25 de setembro de 1924 e continuou a sair três vezes por semana, lançando em 9 de no-

1 A Redacção (1924, 23 de Maio). O dever dos leitores do Diário de Sport. *Diário de Sport*, p.1.

vembro um suplemento ilustrado ao domingo de manhã, que tinha como objetivo fazer uma antevisão dos jogos de futebol que se realizavam à tarde.

## Visões partilhadas sobre o desporto

Entre 1924 e 1926, período no qual a imprensa desportiva conheceria um enorme crescimento, reflexo do que sucedia no próprio meio desportivo, o jornal lisboeta *Os Sports* e o portuense *Sporting* mantiveram-se como os pilares da imprensa desportiva portuguesa, isto apesar das suspensões e mudanças de proprietários e diretivas que sofreram. A estabilidade editorial de ambas publicações deveu-se, em grande medida, à qualidade dos seus corpos redatoriais e à própria estabilidade das competições desportivas, cada vez mais regulares e populares. Algumas antigas estrelas do desporto, sobretudo do futebol, começavam a transitar para as redações dos jornais, como sucedeu com Cândido de Oliveira (primeiro capitão da seleção nacional), que em novembro de 1925 assumiu a chefia de redação de *Os Sports*, depois de uma passagem pela revista *Football*, em 1920. Em maio de 1926, Cândido de Oliveira chegaria mesmo a diretor, apresentando o jornal um novo subtítulo no cabeçalho: “O Jornal Sportivo de Maior Tiragem e de Maior Expansão em Portugal”.

Quanto ao *Sporting*, conhecido como “o rosa” por ser impresso em papel cor-de-rosa (tal como viria a suceder com o *Jornal dos Sports*, no Brasil), manteria uma linha editorial estável, assente na figura do diretor, Oliveira Valença. Em março de 1925, o trabalho semanal de preparação do *Sporting* assentava em 11 jornalistas e em 32 correspondentes espalhados por Portugal continental, numa clara demonstração de que “o entusiasmo pelo desporto enraizou-se e hoje temos o prazer de verificar que no mais recôndito canto do País os usos desportivos são moda corrente”.<sup>2</sup> Foi baseado nessa estrutura redatorial que, em janeiro de 1926, o jornal decidiu passar de semanal a bissemanal, o que lhe permitia manter maior atualidade noticiosa e abranger mais temáticas desportivas e de ordem política e social.

Além das tradicionais temáticas doutrinárias sobre a importância do desporto e da educação física<sup>3</sup> para a sociedade portuguesa, a linha editorial do *Spor-*

*ting* foi igualmente incisiva na defesa do desporto feminino e de um novo papel social para a mulher portuguesa.<sup>4</sup> Outro tema recorrente nos editoriais e crónicas<sup>5</sup> do “Rosa” foi a decadência e o desânimo nacional, chegando a descrever Portugal como um país que “vegeta”<sup>6</sup>, que “não pensa, não sonha, nem realiza nada”<sup>7</sup>, e o português como uma “besta de carga”<sup>8</sup>, falo de “concepções grandes derivadas do trabalho mental”.<sup>9</sup> Nesse contexto de desilusão, restava aos portugueses olharem para a França, que servia de “mestra, conselheira e exemplificadora a todos os outros povos”<sup>10</sup>, nos mais variados campos: “nas artes, na literatura, nas ciências, na indústria e também nos desportos”.<sup>11</sup>

Esse género de afinidade com a França estaria igualmente patente nas páginas de *Os Sports* ao longo dos anos 1920. Habitualmente, os eventos desportivos davam azo a reflexões sobre o desporto e a identidade nacional de cada um dos países envolvidos. Foi precisamente isso que sucedeu em 17 de abril de 1926, quando *Os Sports* aproveitou o primeiro encontro de futebol entre as seleções portuguesa e francesa, que se realizaria no dia seguinte em Toulouse (França), para fazer algumas reflexões sobre as relações luso-francesas, definindo, na capa, a nação gaulesa como “o farol ou berço da civilização moderna”, reconhecendo que era um país com quem Portugal tinha “notáveis afinidades”, ao contrário do que sucedia com a Espanha, que nos despertava “a recordação de prélios antigos” e “o sentimento nacionalista”.

Entre 1925 e 1926, os sentimentos de desilusão nacional foram-se acumulando nos editoriais de *Os Sports*, que passou a criticar regularmente “o espírito nacional do ‘deixa andar’”<sup>12</sup> e “os vícios que infestam os nossos hábitos de portuguesesinhos

2 A Redacção (1925, 26 de Março). A Província afirma-se. *Sporting*, p.8.

3 Cf. Dr. Oliva (1925, 4 de Setembro). Educação Física. *Sporting*, p.3.

4 Cf. A Redacção (1925, 15 de Outubro). A mulher e o desporto. *Sporting*, p.3.

5 Um dos mais incisivos cronistas seria Sousa Martins, colunista habitual na secção “Modos de ver”.

6 James (1925, 5 de Novembro). A escola desportiva. *Sporting*, p.3.

7 Idem, ibidem.

8 Idem, ibidem.

9 Idem, ibidem.

10 Martins, S. (1924, 20 de Fevereiro). Modos de ver – A França e a raça latina. *Sporting*, p.1.

11 Idem, ibidem.

12 Vieira, H. (1925, 25 de Abril). Foot-ball – Portugal-Espanha. *Os Sports*, p.3.

descuidados”<sup>13</sup>. O principal jornal desportivo do país chegaria mesmo a afirmar que “Portugal está desportugalizado”<sup>14</sup>, numa alusão à falta de novos feitos históricos, literários e científicos. O desapontamento para com o país, cada vez mais latente entre os jornalistas, redundava, muitas das vezes, em ataques ferozes à sociedade portuguesa. Um dos artigos mais acutilantes dos anos 1920 foi publicado na capa de *Os Sports* de 6 de dezembro de 1926, com o título “Salvemos os rapazes”, assinado pelo diretor, Cândido de Oliveira. Nessa reflexão sobre Portugal, o autor afirmava que os portugueses tinham de “marroquino” aquilo que lhes faltava de europeus e dava um exemplo:

Abandonemos em Paris um português – e não há ninguém que o não aponte a dedo... O ar pacóvio com que mira e remira tudo e todos, denuncia-o e provoca o riso... Coloquemo-lo a falar diante de estrangeiros e temos a risota pegada. Somos em tudo e por tudo motivo de risota – de chacota impiedosa. Mas devemos confessar que não merecemos outra coisa. A galhofa é o justo castigo para esta nossa condição de habitantes desta grande aldeia, que é o nosso País, à força de isolar-se do mundo inteiro, para marchar um século atrasado dos outros povos.

## A morte de um pugilista

Apesar de partilharem princípios editoriais semelhantes, *Os Sports* e *Sporting* viveriam permanentemente de costas voltadas durante as décadas de 1920 e 1930, tal como o meio desportivo de Lisboa e Porto, que ambos representavam respectivamente. Na base dos constantes diferendos estiveram, quase sempre, os regionalismos exacerbados que rodeavam o futebol. As permanentes disputas pela hegemonia futebolística, entre os clubes de Lisboa e do Porto, e as suas respetivas associações regionais, criariam um clima que ficaria conhecido como “Guerra Norte-Sul”<sup>15</sup>, germinada e alimenta-

da, em grande medida, pelas páginas dos jornais desportivos das duas cidades, que viram as suas tiragens aumentar graças a essa conflitualidade.

As contendas jornalísticas revestiram-se de diversas facetas. Em março e abril de 1925, a imprensa desportiva lisboeta envolveu-se numa troca de acusações com a imprensa portuense por causa da escolha do local (uns queriam Lisboa, outros o Porto) onde se devia realizar o quarto encontro de futebol entre as seleções de Portugal e Espanha (que acabou por se realizar na capital). O único jornal a manter uma postura apaziguadora foi *O Sport de Lisboa*, que fez vários apelos à paz, em abril de 1925. Um desses pedidos, com o título “Façamos a paz”, teria como resposta um contundente ataque no *Sporting* de 15 de abril de 1925, através do artigo “Vivamos em guerra!”, que defendia uma “guerra franca, guerra aberta”<sup>16</sup> entre os desportistas e jornalistas desportivos do norte e do sul, questionando inclusivamente a necessidade de pacificação: “para quê a paz, se ela não tem sido mais que uma guerra de sapa, falsa, em que o brio deste bom povo do Norte, do Norte que vai desde o Minho até umas léguas aquém do Mondego, era a todo o momento espezinhado pelos ‘amigos’ do Sul? Antes a guerra, mil vezes!”<sup>17</sup> Mas, entre os redatores desportivos portuenses, essa posição não era consensual. A seção desportiva do diário *O Comércio do Porto*, embora compreensiva com a postura do *Sporting*, veio acalmar os ânimos, insistindo na ideia de que acima dos interesses regionais estavam os do país, por isso deviam-se respeitar as decisões dos órgãos máximos do futebol português.

Decorridos dois meses, em junho de 1925, rebentou um novo conflito entre os dois principais jornais das duas cidades, com efeitos na restante imprensa. Na origem esteve a controversa morte do pugilista Kid Augusto<sup>18</sup>, após um combate de

13 Idem, *ibidem*.

14 A Redacção (1925, 8 de Junho). Para quê tantos estrangeiros? *Os Sports*, p.1.

15 As origens desse género de terminologia remontam aos primeiros jogos de futebol entre equipas das duas cidades, no início do século XX. Mas foi-se agravando a partir da década de 1910, com o início dos jogos entre as seleções de Lisboa e do Porto, geradores de polémicas e confrontações entre ambos os lados. Nos anos 1920, o jornal *Sporting* foi um dos que mais apelou ao sentimento de “guerra” entre o meio desportivo e jornalístico de

Lisboa e do Porto, como demonstra o artigo “Vivamos em guerra!”, publicado em 15 de Abril de 1925.

16 Lobo, C. (1925, 15 de Abril). Vivamos em guerra!. *Sporting*, p.8.

17 Idem, *ibidem*.

18 Augusto dos Santos, nascido na África, era empregado do industrial portuense Sebastião Ferreira Mendes. Dotado de uma excelente estampa física, o jovem Kid Augusto (batizado assim no meio desportivo) tentou carreira no boxe, onde não teria sucesso. Num combate contra Piotin, em junho de 1925, no Porto, sofreu graves lesões, morrendo

boxe no Porto, organizado pelo jornal *Sporting*. A tragédia motivaria o artigo “Os Sports’ acusa! – A morte do negro Kid Augusto”, publicado na capa de *Os Sports* de 13 de junho, em que o articulista Aragão de Andrade acusou a Federação Portuguesa de Boxe e o organizador, Oliveira Valença (diretor do *Sporting*), de serem os principais responsáveis pela fatalidade que tirou a vida ao jovem pugilista. As mais de uma dezena de acusações graves apresentadas por *Os Sports* teriam réplica no *Sporting* de 17 de junho, no artigo “Um jornal de Lisboa abusando da impunidade da nossa terra brinca com a morte – Sempre os mesmos pulhas”. Nessa análise, a Redação do “Rosa” classificou as acusações de “infâmias”, contrapondo aos “Acusamos” de *Os Sports* uma série de “Mentem”. A amplitude do debate alastrou também às seções desportivas de outros jornais, como o *Diário de Notícias*, *O Século*, *O Diário da Tarde*, *A Tarde*, *O Sport de Lisboa*, *O Correio da Manhã*, *O Diário do Povo*, *Domingo Ilustrado* e *Jornal de Notícias*, entre outros.

Em janeiro e fevereiro de 1926, novo duelo entre *Os Sports* e *Sporting*, desta vez por causa do regulamento do Campeonato de Portugal, principal prova do calendário futebolístico português. E em junho desse ano, o *Sporting* investiria contra aquilo que designava como “a ditadura tirânica da capital”<sup>19</sup>, no seio das principais federações desportivas do país, ataque que mereceu refutações duras nos jornais lisboetas.

Esse permanente clima de hostilidade entre os periódicos teria as suas naturais repercussões no meio desportivo português, ainda pouco habituado a lidar com as críticas e polémicas jornalísticas. Em inícios de julho de 1926, o jornalista de *Os Sports*, Reinaldo Monteiro, especialista em esgrima, foi esbofeteado nas ruas de Lisboa pelo esgrimista Mário de Noronha, alvo de algumas críticas na seção de esgrima do jornal lisboeta. Nessa mesma altura, a direção do *Sporting CP* passou a impedir o livre acesso ao balneário por parte dos jornalistas, sendo o primeiro clube de futebol a fazê-lo, o que gerou uma forte onda de contestação nos jornais, encabeçada pelo correspondente lisboeta (Belo Redondo) do

pouco depois, no Hospital. *Os Sports* defendeu que foi em consequência dessas lesões que ele morreu, enquanto que o *Sporting* alegou uma queda acidental, fora do ringue, que lhe causou um traumatismo craniano fatal.

19 A Redacção (1926, 8 de Junho). A política do exclusivismo. *Sporting*, p.3.

periódico *Sporting*.<sup>20</sup> Como represália, alguns periódicos avisaram os leitores que “não poderiam contar com boas reportagens do que passasse no Campo Grande, visto que um diretor (Francisco Stomp) do *Sporting CP* se opunha à propaganda das provas desportivas”<sup>21</sup> que se realizavam no campo do clube leonino. E lamentavam aquilo que designavam como “horror à letra redonda”<sup>22</sup>, um “mal tremendo”<sup>23</sup> que afetava os dirigentes e desportistas portugueses, nada receptivos às críticas jornalísticas.

Esse tipo de restrições à ação dos jornalistas desportivos, que em nome da “causa desportiva”<sup>24</sup> se advogavam o direito a poder entrar em todos os locais e espaços ligados ao desporto, tiveram o condão, muitas das vezes, de unir uma classe de por si dividida e permeável a cisões. As poucas manifestações de união entre jornalistas desportivos traduziam-se nos torneios de futebol inter-jornalistas.<sup>25</sup> A principal prova era a Taça Armando Machado (figura de renome do jornalismo desportivo no início do século XX), instituída pelo jornal *O Século* e disputada em Lisboa entre as equipas de futebol formadas pelos jornalistas dos periódicos desportivos. *O Sport de Lisboa* e *Os Sports* foram dominadores durante a década de 1920, protagonizando finais em que juntaram alguns milhares de pessoas e dezenas de colegas, como sucedeu em 13 de janeiro de 1924, no Campo de Palhavã, em Lisboa. Ironicamente, fora de campo, ambas publicações eram rivais constantes, sucedendo-se os pequenos conflitos jornalísticos.

## O primeiro Porto-Lisboa inter-jornalistas

A falta de uma associação de classe – não faltaram tentativas de criação de um organismo uni-

20 Cf. Redondo, B. (1926, 9 de Julho). Os jornalistas e os clubs. *Sporting*, p.6.

21 Idem, ibidem.

22 Idem, ibidem.

23 Idem, ibidem.

24 Idem, ibidem.

25 Em 16 de Março de 1924, no Campo Grande (estádio do *Sporting CP*), em Lisboa, realizou-se uma das mais emblemáticas festas desportivas dos jornalistas lisboetas, contando inclusivamente com a presença do presidente da República, Manuel Teixeira Gomes. Uma equipa de futebol formada por jornalistas de Lisboa enfrentou o Carcavelos Club, perante milhares de adeptos.

ficador para os jornalistas desportivos –, a forte concorrência entre jornais, a instabilidade do meio desportivo, o escasso mercado de leitores e de notícias, e as regulares quezílias entre jornalistas criaram um ambiente volátil, pouco receptivo a campanhas ou iniciativas unificadoras entre uma classe profissional (a dos jornalistas desportivos) pouco solidária. Somente perante um objetivo maior<sup>26</sup> (caso da popularização da ideia de desporto) ou uma causa nacional, como era, em meados da década de 1920, a seleção nacional de futebol (vista como um símbolo de representação nacional), é que a imprensa desportiva, ou pelo menos uma parte dela, tentava unir esforços. Em finais de abril de 1925, *Os Sports* e *O Sport de Lisboa* associaram-se e fizeram uma convocatória à restante imprensa desportiva lisboeta “a fim de deliberar sobre a forma de imprimir o máximo de propaganda e de brilhantismo ao próximo Portugal-Espanha em football”<sup>27</sup>, que se disputava a 17 de maio. Na noite de sábado, 2 de maio, nas instalações provisórias de *Os Sports*, em Lisboa, reuniu-se um elevado número de jornalistas desportivos, que decidiram unanimemente tomar três medidas conjuntas:

1ª) Não discutir a constituição da ‘equipe’, para não produzir a costumada controvérsia desorientadora, deixando ao seleccionador uma perfeita liberdade, isenta de toda a sugestão.

2ª) Esmagar a campanha derrotista de defecção e intriga, que os bons patriotas se preparavam para levar a efeito e estava sendo particularmente alimentada por certos elementos irritados, de tal forma desejosos de uma derrota que recusaram toda a colaboração ao esforço nacional.

3ª) Criar em volta dos nossos jogadores uma atmosfera de confiança, fazendo-o, porém, “discretamente”, para que um possível desaire não pudesse criar-nos uma situação risível.<sup>28</sup>

26 A imprensa refreava também as críticas quando podia estar em causa o prestígio nacional. Foi o que sucedeu com *Os Sports*, em Abril e Maio de 1926, quando estabeleceu um período de “Tréguas” (cf. edição de 28 de Abril de 1926) nas duras críticas ao presidente do Comité Olímpico Português, José Pontes, que apelidava ironicamente de “Grande Apóstolo”, durante a visita a Portugal do Comité Olímpico Internacional.

27 A Redacção (1925, 29 de Abril). Um convite à imprensa desportiva. *Os Sports*, p.1.

28 (A Redacção (1925, 3 de Junho). Dever cumprido. *O Sport de Lisboa*, p.2).

Esta resolução conjunta – na linha do que a imprensa espanhola fizera com a sua seleção durante a eliminatória olímpica com a Itália no ano anterior –, foi cumprida na íntegra pela imprensa lisboeta, levando um dos organizadores e subscritores da iniciativa, *O Sport de Lisboa*, a congratular-se “pela maneira brilhante de civismo, de disciplina, de critério e de solidariedade”<sup>29</sup> com que “os queridos camaradas da imprensa de Lisboa”<sup>30</sup> desempenharam “tão nobre compromisso”<sup>31</sup>. E era de esperar que todos aqueles que numa “febre de bairrismo”<sup>32</sup> não assumiram esse compromisso, deviam no final saber “reconhecer no espírito de classe e no gesto de civismo da imprensa lisboeta, um grande exemplo, muito digno de ser seguido”.<sup>33</sup> Ausente deste acordo tinha ficado a imprensa portuense, que durante os meses anteriores tinha feito campanha a favor do jogo Portugal-Espanha se realizar no Porto, o que não veio a suceder. As feridas criadas por esse diferendo, aliadas à pouca presença de jogadores das equipas do Porto na Seleção Nacional, fizeram com que os jornalistas portuenses se tivessem mantido à margem da iniciativa conjunta da imprensa da Capital.

Os ânimos exaltados entre a classe jornalística desportiva das duas cidades só acalmaram no início do ano seguinte, quando os órgãos máximos do futebol português decidiram escolher, pela primeira vez, a cidade do Porto para acolher o sexto jogo internacional da seleção nacional de futebol, marcado para 24 de janeiro de 1926, contra a Checoslováquia. A imprensa desportiva portuense rejubilou, permitindo uma aproximação à lisboeta (os principais jornalistas desportivos de Lisboa iriam deslocar-se ao Porto para fazer a cobertura do encontro). Desse modo, foi com naturalidade que surgiu a ideia de realizar a primeira partida de futebol Porto-Lisboa inter-jornalistas, iniciativa que teve “o melhor acolhimento por parte de todos os interessados”<sup>34</sup>, já que possibilitaria criar esperanças de “um próximo futuro de leal confraternização e estreita camaradagem entre todos os que, em Portugal, se consagram à delicada e fatigante tarefa de propagandear a causa da educação física”.<sup>35</sup>

29 Idem, *ibidem*.

30 Idem, *ibidem*.

31 Idem, *ibidem*.

32 Idem, *ibidem*.

33 Idem, *ibidem*.

34 Martins, L. (1926, 20 de Janeiro). O I Porto-Lisboa inter-jornalistas. *Os Sports*, p.5.

35 Idem, *ibidem*.

O jornal *Os Sports*, através do correspondente no Porto, Luís Martins, exultou com a possibilidade da confraternização, afirmando na secção “Página de Football”, de 20 de janeiro de 1926, que o encontro permitiria, finalmente, estabelecer entre os jornalistas desportivos portuenses e lisboetas “o indispensável convívio, espalhando uma atmosfera de confiança e transformando-os de adversários, que até agora têm sido, em amigos dedicados, aos quais não possa malquistar qualquer diversidade de opiniões que um ou outro entenda dever expandir”.<sup>36</sup> O jogo acabaria por se realizar no Campo do Covelo, no Porto, a 23 de janeiro de 1926, véspera do Portugal-Cecoslováquia, tendo juntado duas seleções que reuniam os nomes mais sonantes do jornalismo desportivo portuense e lisboeta. Seria uma “excelente afirmação da amizade existente entre os plumitivos das suas cidades”, como afirmaria a revista lisboeta *Eco dos Sports* de 7 de março de 1926, publicando inclusivamente uma fotografia com 21 jornalistas que participaram no evento (tirada no terraço do prestigiado diário portuense *O Primeiro de Janeiro*).

## Apogeu desportivo e mediático

Entre 1924 e 1926 continuou a verificar-se um crescimento da imprensa desportiva generalista, dando seguimento aos três anos anteriores (1921 a 1923), durante os quais tinham surgido 34 novos periódicos desse género em Portugal (Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas). A expansão regionalista do desporto, assente na popularidade do futebol, trouxe consigo um crescente interesse do público, o que aliado à ideia de que o “desenvolvimento da raça”<sup>37</sup> dependia em “larga escala da cultura dos sports atléticos”<sup>38</sup>, fez com que mais entusiastas do desporto se aventurassem no jornalismo, de forma a promovê-lo. Além disso, existia a necessidade de combater aqueles para quem o exercício físico continuava a ser “um motivo de instintiva repugnância”<sup>39</sup>, desconhecendo “o alto valor da sua prática racional e inteligente”<sup>40</sup>, situando-se nesta esfera de pensamento uma parte considerável da intelectualidade portuguesa.

36 Idem, *ibidem*.

37 A Redacção (1924, 13 de Janeiro). O ‘Sport’ e a necessidade da sua existência. *Sport*, p.1.

38 Idem, *ibidem*.

39 Idem, *ibidem*.

40 Idem, *ibidem*.

Nesse contexto proliferava na imprensa desportiva a ambição de renovar a mentalidade da “mocidade portuguesa”, através de uma “educação espartana”. Um dos editoriais que melhor sintetizou este conjunto de aspirações ideológicas foi publicado em Coimbra no jornal *Sport*, em 13 de janeiro de 1924:

Queremos uma raça intrépida, uma raça que sinta girar nas veias o sangue puro dos heróis. Queremos uma raça que constitua o alicerce da nossa independência, como já fora outrora a razão máxima da nossa existência no mundo tempestuoso das conquistas. Queremos uma Pátria de verdadeiros homens, cujo valor moral, físico e intelectual nos imponha no conceito das nações europeias e não uma *capoeira* de políticos cuja moralidade roça, por vezes, as fronteiras da depravação e do crime.

O *mens sana in corpore sano* dos gregos será a nossa divisa eterna. O milagre da nossa ressurreição colectiva reside na sua aplicação racional e culta. A educação espartana, dando ao organismo a necessária preparação para a luta, a audácia, a combatividade, a resistência à fadiga e à dor, o culto pelos fortes, pelos estóicos e pelos heróis, impõe-se à juventude portuguesa, perfeitamente abandonada pela nossa *pseudo-elite* governativa e dirigente. Ai da nossa Pátria se não soubermos orientar a mocidade que descamba no caminho do vício e da desmoralização aterradora. (A Redacção (1924, 13 de Janeiro). O ‘Sport’ e a necessidade da sua existência. *Sport*, p.1)

Essa linha editorial seria transversal aos 42 jornais desportivos generalistas que surgiram em Portugal entre 1924 e 1926. Um número impressionante. Principalmente se tivermos em linha de conta as dificuldades com que se debatiam os periódicos: o desporto estava ainda numa fase de consolidação na sociedade portuguesa, ao que se juntava um número reduzido de leitores (a taxa de analfabetismo mantinha-se alta, com 67,8% em 1930) e os elevados custos de produção dos jornais. A tendência de criação de novos periódicos desportivos foi de constante crescimento entre 1921 e 1926, com exceção de 1925: 11 publicações em 1921, 15 em 1922, 17 em 1923, 25 em 1924, 17 em 1925 e 27 em 1926. Dessa forma, em apenas três anos (1924 a 1926) apareceria um total de 69 novos jornais desportivos (42 generalistas, 10 especializados, 14 institucionais e de clubes e três artístico-desportivos<sup>41</sup>), espalhados por todo o país (Continente e

41 Em 1924 publicaram-se dois periódicos que juntavam desporto e cinema: o *Cine-Sport – Mensário do Cinema, Circo e Sport* e a *Revista de Arte e Sport* –



Ilhas, nenhum nas Províncias Ultramarinas), com predominância de Lisboa (33 jornais), seguindo-se Porto (5) e Coimbra (3).

O ano de 1924, com as suas 25 novas publicações desportivas, marcaria claramente um dos pontos altos da produção jornalística portuguesa dedicada ao desporto. Pela primeira vez se ultrapassou a vintena de novas publicações desportivas lançadas num só ano (o que apenas se voltaria a repetir uma outra vez em todo o século XX, em 1926), o que constituía uma novidade na história da imprensa desportiva portuguesa. Convém também salientar que nesse ano, além dos 25 novos jornais (um deles diário, o primeiro em Portugal), estavam em atividade regular mais 15 periódicos desportivos que tinham surgido em anos anteriores, destacando-se o trio formado por *Os Sports* (Lisboa, 1919-1945), *O Sport de Lisboa* (Lisboa, 1915-1934) e *Sporting* (Porto, 1921-1953). Desse modo, em 1924 registou-se a atividade de 40 publicações desportivas em Portugal – número impenável no final da década anterior.

Seguindo a tendência dos três anos anteriores, a maior concentração de novos jornais desportivos em 1924 foi na área da imprensa desportiva generalista, publicando-se 16 novos títulos, espalhados por 12 cidades, claro indicador da popularização do desporto a nível regional. A maioria teria vida efémera, devido ao elevado preço do papel e dos custos de composição e impressão, a que se aliavam os problemas com a distribuição postal (com queixas regulares dos assinantes pela demora ou falha na entrega dos exemplares) e as dificuldades na cobrança das assinaturas. Havia ainda que acrescentar o facto de a maioria dos jornais desportivos regionais ter um mercado de vendas restrito, o mesmo sucedendo com o meio publicitário. Além disso, a propriedade, a direção e os corpos redatoriais dos jornais eram, habitualmente, constituídos por grupos de jovens que contavam com pouco poder económico e falta de experiência para enfrentar as dificuldades inerentes a publicar regularmente um periódico. Mas as dificuldades do jornalismo desportivo regional não se ficavam por aqui, tendo também que contornar “a pobreza em acontecimentos noticiáveis”<sup>42</sup>, vendo-se os jornalistas muitas vezes “atrapalhados com a preocupação do assunto

a arranjar”<sup>43</sup>. Restava, em certas ocasiões, “inventar o assunto”<sup>44</sup>, recorrendo ao “espírito fantasioso dos jornalistas”<sup>45</sup>, a exemplo do que faziam “os grandes periódicos, os mastodontes da informação”<sup>46</sup>.

## Questões ético-desportivas

Em 1924, o avolumar de periódicos desportivos trouxe consigo as naturais reflexões ideológicas e éticas sobre o papel do jornalismo desportivo. Uma das ideias consensuais na imprensa desportiva era a de que esta devia “combater a decadência das raças”<sup>47</sup>, devendo para isso “encetar uma propaganda de regeneração dos costumes, moralizadora do meio e purificadora dos caracteres”<sup>48</sup>. Era igualmente unânime, entre a classe jornalística desportiva, que se devia acabar com as “avultadas gorjetas”<sup>49</sup> (subornos) que alguns jornalistas recebiam para favorecer ou criticar determinada facção ou clube, dando azo a sucessivas quezílias e desmentidos. Começou-se a ter consciência de que, para ganhar a confiança dos leitores, os jornalistas desportivos deviam “informar com a maior independência de vistas, imparcialidade e correção, qualidades reveladoras de são carácter e consciência limpa”<sup>50</sup>.

Alguns jornais começaram a fazer a defesa de uma “moral desportiva”<sup>51</sup> aplicada ao jornalismo, incentivando a melhoria das análises jornalísticas, dominadas pela figura da “crónica-relato”<sup>52</sup>, em que se fazia apenas a mera exposição dos acontecimentos, “sem uma crítica severa contra os que pretendem levantar a confusão no meio, sem uma palavra de queixume para aqueles que querem assassinar a nossa obra verdadeiramente patriótica”<sup>53</sup>. No en-

*Publicação Mensal de Teatro, Literatura, Coreografia e Sport.*

42 A Redacção (1924, 9 de Outubro). Do assunto... *Leiria Desportiva*, p.2.

43 Idem, *ibidem*.

44 Idem, *ibidem*.

45 Idem, *ibidem*.

46 Idem, *ibidem*.

47 A Redacção (1924, 29 de Junho). *Taça Educativa. Porto Sportivo*, p.1.

48 A Redacção (1924, 31 de Agosto). *Insistindo. Porto Sportivo*, p.1.

49 A Redacção (1924, 13 de Novembro). Da informação... *Leiria Desportiva*, p.1.

50 Idem, *ibidem*.

51 A Redacção (1924, 17 de Junho). A imprensa desportiva e os desportistas. *O Arauto Desportivo*, p.1.

52 Vasas (1924, 1 de Junho). O Sport – Coeficiente de correcção das raças. *Porto Sportivo*, p.1.

53 Idem, *ibidem*.

tanto, “censurar e atacar antes de tempo”<sup>54</sup> nunca poderia ser “a missão da imprensa desportiva”<sup>55</sup>, já que assim se entraria no “campo da difamação”<sup>56</sup>, nefasta para a credibilidade jornalística.

Uma das publicações que mais se dedicou à análise do jornalismo desportivo em 1924 seria o lisboeta *Sport Ilustrado Jornal*, pela pena do “Colaborador Z”. No número inaugural, de 17 de setembro de 1924, no artigo “Verdades”, publicado na capa, afirmava-se que para ser jornalista não bastava “saber escrever”, era necessário também “pensar”. E no jornalismo desportivo era “obrigatória mais uma qualidade: ser falso, hipócrita”. O “Colaborador Z” explicava: “Para ter cotação no meio dos chamados colegas é indispensável falsear como eles, aprender os sorrisos irónicos deles, saber receber num aperto de mão todo o rancor que lhes vai na alma. Um sorriso de alguns desses jornalistas corresponde a uma demonstração de ódio, um olhar a uma vibração de raiva”. Assim, ser jornalista desportivo significava “sujeitar-se a situações caricatas, a ataques de toda a espécie, a injúrias sem nome”.

Na edição seguinte, de 27 de setembro de 1924, continuando a análise ao tema, o “Colaborador Z” defendia novamente na primeira página que existiam duas formas de fazer jornalismo desportivo: “Há o jornalismo torpe, de vendilhões, de cínicos, de hipócritas e de falsários. Este é o que vamos atacar. Há o outro, o honesto, o sincero, aquele que de todas as formas deve ser apreciado, discutido e admirado por aqueles que vêem no sport uma causa cheia de benefícios e de purezas, o sport tal qual é e deve ser. Os primeiros são uma, felizmente, reduzida alcateia de impostores, de miseráveis, cheios de impurezas na sua vida, corroidos pela podridão do seu pensar, do seu proceder”. E o que movia estes jornalistas não era a “amizade” à causa desportiva, mas sim a “necessidade de poder”, vivendo para isso “das campanhas e do escândalo”, seguindo uma estratégia bem definida:

Escogitam nas profundezas da sua perversidade, os pontos iniciais dum ataque a uma obra, a uma vida, a uma criatura. Tentam depois manejá-la, dar-lhe vida, acalentá-la durante indeterminado tempo – o tempo suficiente para que haja alguém que, cheio de receios, ofereça dinheiro capaz de, por um

certo tempo, lhes tolher a língua e paralisar-lhes o braço. Fazem-se, alguns deles, sábios e doutores em matéria desportiva. Outros, vivem dos escudos com que foram pagas notícias publicadas em jornais de que são empregados, mas a quem não são passados recibos delas. Conhecemos de tudo, infelizmente.

## A fotografia desportiva

Além do cariz reflexivo e doutrinário, o *Sport Ilustrado Jornal* foi também inovador no plano editorial, sendo um dos primeiros suplementos informativos criados por uma revista dedicada à fotografia desportiva, a *Sport Ilustrado*, que tinha como subtítulo: “Publicação Quinzenal de Fotografia de Sport”. Lançada em Lisboa, em 29 de março de 1924, as oito páginas inaugurais desta revista eram integralmente ocupadas por fotografias desportivas, em especial de futebol, em detrimento do texto jornalístico. As excelentes fotografias eram da autoria de Arnaldo Garcez e Norberto Diniz, aos que se juntou, pouco depois, Armando Silva, fotógrafo do Porto. E o inovador grafismo da revista coube ao desenhador António d’Almeida.

Apesar do custo elevado (1\$20 escudos), a edição inaugural da *Sport Ilustrado* esgotou-se, gerando enorme procura os números seguintes, que passaram a contar com cor na capa, uma novidade para a época. Em maio de 1924, dada a boa receptividade da publicação, a direção decidiu avançar com a criação de um *placard* informativo (frente à Estação do Rossio, em Lisboa), onde passou a afixar diariamente as principais notícias do desporto nacional e internacional. A popularidade do periódico aumentou de tal forma que em julho de 1924 já se definia como “a revista preferida pelo público que ao sport dedica um pouco da sua atenção”.<sup>57</sup> Em 17 de setembro de 1924, de forma a colmatar o pouco espaço dado ao texto noticioso, a direção da *Sport Ilustrado* decidiu criar o *Sport Ilustrado Jornal*, saindo quinzenalmente, nos sábados em que não se publicava a revista. Assim, à *Sport Ilustrado* caberia a publicação de boas fotografias e frases simbólicas do desporto, ficando o *Sport Ilustrado Jornal* com os “artigos técnicos, críticas conscienciosas, comentários e noticiário diverso”.<sup>58</sup> Ambas publicações terminaram em 15 de fevereiro de 1925.

Igualmente inovadora, porém mais consistente,

54 A Redacção (1924, 17 de Junho). A imprensa desportiva e os desportistas. *O Arauto Desportivo*, p.1.

55 Idem, ibidem.

56 Idem, ibidem.

57 A Redacção (1924, 26 de Julho). Os melhoramentos do Sport Ilustrado. *Sport Ilustrado*, p.10.

58 A Redacção (1924, 17 de Setembro). Sport Ilustrado. *Sport Ilustrado Jornal*, p.1.

seria a revista quinzenal *Foto-Sport*, que apareceu duas semanas antes da saída da *Sport Ilustrado*, em 15 de março de 1924. A *Foto-Sport* centrou-se na publicação de fotografias desportivas, com realce para o futebol, contando com dois fotógrafos: Francisco Santos e A. Salazar Dinis, cujos nomes apareciam no cabeçalho como “redactores fotográficos”. A revista conciliava nas suas habituais 16 páginas (três dedicadas a anúncios de publicidade) um vasto número de fotografias desportivas, acompanhadas de um breve comentário.

As suas excelentes capas faziam com que a *Foto-Sport* fosse bem acolhida no meio desportivo lisboeta, apesar do preço elevado (3\$00 escudos), abrindo gradualmente as páginas a fotografias desportivas do Porto, Évora, Tomar e Coimbra, entre outras regiões, surgindo em finais de 1924 uma secção fotográfica dedicada ao desporto nas Províncias Ultramarinas, em África. Entre abril e maio de 1924, a revista aumentou o seu prestígio graças ao lançamento de um popular “Concurso de Fotografias”<sup>59</sup> (com um prémio aliciante de cem escudos, que visava à eleição da melhor fotografia de futebol que fosse enviada para a revista) e à publicação de artigos de fundo sobre várias modalidades (atletismo, rãguebi, boxe, natação, esgrima e ténis), assinados por alguns nomes sonantes do jornalismo desportivo. E nos meses seguintes iria sobressair na cobertura aos Jogos Olímpicos de Paris. Essa consistência editorial e redatorial faria com que a *Foto-Sport* aguentasse em atividade mais dois anos, até 1º de julho de 1926, tendo-se revelado uma das mais importantes publicações a conciliar a fotografia desportiva com brilhantes artigos de análise ao desporto português.

## As dificuldades dos primeiros três meses

O uso regular de fotografias no jornalismo desportivo passaria a estar patente não só na imprensa de referência, em Lisboa e no Porto, mas também em nível regional. Em março de 1924, para além das revistas lisboetas ilustradas (*Sport Ilustrado* e *Foto-Sport*), apareceria no dia 18 outra publicação desportiva que daria destaque à fotografia desportiva: *O Sport dos Açores*. Propriedade do Grupo de Amadores do Sport, com sede em Ponta Delgada, este periódico açoriano apresentava, além de boas

fotografias na primeira página (destacou-se o fotógrafo José de Melo Araújo), uma alargada rede de correspondentes nacionais (Ilha do Pico, Fayal, Funchal, Lisboa, Porto, entre outros) e uma boa cobertura internacional, publicando regularmente traduções de artigos de jornais desportivos franceses.

Embora Ponta Delgada fosse um meio pequeno, quer em termos desportivos e de leitores, *O Sport dos Açores* conseguiria ultrapassar o “cabo tormentoso”<sup>60</sup> dos três meses<sup>61</sup> (era comum os jornais desportivos, sobretudo os regionais, não durarem mais de um trimestre), embora tivesse sofrido logo uma interrupção, devido às habituais faltas de pagamento das assinaturas, entre 24 de maio e 2 de agosto de 1924. Retomada a publicação, teria como ponto alto a presença, em Ponta Delgada, do tenente e professor de educação física, Henrique Galvão, que em novembro de 1924 publicaria diversos artigos no jornal, dando três conferências sobre desporto no teatro local. Apesar das dificuldades, *O Sport dos Açores* manteve-se em atividade até 6 de junho de 1925, terminando após 52 edições, a última delas dedicada ao encontro internacional de futebol entre Portugal e Espanha, disputado em 17 de maio de 1925, em Lisboa.

Entre a imprensa desportiva regional lançada em 1924 iria realçar-se outro título: *Figueira Desportiva*. Com um corpo redatorial formado por jovens jornalistas e colaboradores, o primeiro número deste semanário da Figueira da Foz (outra cidade com forte índole desportiva) saiu em 25 de dezembro de 1924, publicando-se a partir daí, de forma regular, todas as quintas-feiras, até setembro de 1927. Uma façanha para qualquer jornal desportivo regional, principalmente se tivermos em linha de conta que a redação era totalmente amadora. Além de promover o desporto e a educação física, a *Figueira Desportiva* encetaria também, em fevereiro de 1926, uma campanha a favor da criação de pequenas bibliotecas desportivas em todos os clubes, com o objetivo de melhorar os conhecimentos desportivos

60 Foi assim que o jornal *Sol e Sombra* (Porto, 1925) classificou a passagem dos primeiros três meses de edição (Cf. Cirne, R. (1925, 27 de Setembro). Bom rumo. *Sol e Sombra*, p.1).

61 Na edição de 21 de Março de 1925, em que comemorava o primeiro aniversário, no editorial “Há um ano”, a Redação de *O Sport dos Açores* afirmaria: “Jornal de pouco público e de terra pequena, verifica-se por durar um ano, o interesse desperitado”. E lembrava que «a existência de jornais pequenos é na generalidade de três meses”.

59 A Redação (1924, 15 de Abril). Concurso de Fotografias. *Foto-Sport*, p.3.

e culturais dos desportistas. Estaria ainda ligada à organização de diversas provas de atletismo (Taça Figueira Desportiva) e ciclismo (Circuito da Figueira em Bicicleta). E seria precisamente um problema derivado de uma dessas provas que estaria na origem do seu fim: em finais de agosto de 1927, a Câmara Municipal da Figueira da Foz, incompatibilizada com o jornal, decidiu impor-lhe uma multa de 200 escudos (cada exemplar custava 50 centavos) por causa de uma alegada estaca que a *Figueira Desportiva* havia colocado erradamente durante a organização de uma prova de ciclismo. A redação, em peso, decidiu suspender o periódico, em 1º de setembro de 1927, como forma de protesto contra a edilidade, resultando na sua suspensão definitiva.

Ao contrário da *Figueira Desportiva*, que conseguiu publicar-se durante 141 semanas, a maioria dos periódicos desportivos criados em 1924 teve enormes dificuldades em aguentar muitos números em atividade, sobretudo as publicações ligadas aos clubes, sucumbindo durante os primeiros meses de edição. Esse problema de sustentabilidade editorial, de que enfermaram os órgãos de clubes criados em 1924, arrastou-se ao longo dos anos seguintes, afetando a generalidade das publicações.

Além do futebol (com quatro publicações entre 1924 e 1926), mais três áreas do desporto contariam com periódicos especializados: o automobilismo, a tauromaquia e o campo das biografias desportivas, em voga nesta época, o que se devia, em grande medida, à necessidade de criar heróis, geradores de esperança no seio de uma sociedade cada vez mais desiludida, como era a portuguesa. Mas quer os periódicos tauromáquicos, quer os biográfico-desportivos, teriam uma existência reduzida quando comparados às duas publicações automobilísticas lançadas em 1926. O *Auto (Jornal Mensal de Automobilismo e Sport)* seria apresentado em Lisboa, em janeiro de 1926, mantendo-se em atividade durante um ano. A outra publicação automobilística seria *O Volante*, que se converteria num dos mais importantes títulos do jornalismo automobilístico português no século XX, publicando-se regularmente (a primeira série) até meados de 1971.

## O recorde de 1926

Embora tivessem surgido, entre 1924 e 1926, dez novos periódicos desportivos especializados (quatro de futebol, dois automobilísticos, dois tauromáquicos e dois biográfico-desportivos) e 14

boletins de clubes e de instituições desportivas, a área jornalística desportiva dominadora seria a generalista (jornais que abordavam todo o género de desportos), com o aparecimento de 42 títulos. Após os 16 novos periódicos, espalhados por 12 cidades, que surgiram em 1924, seguiram-se no ano seguinte mais nove jornais, em cinco cidades, e em 1926 mais 17 novos periódicos desportivos generalistas, distribuídos por dez cidades. Nesse último ano, além desses 17 jornais generalistas, apareceram dez outras publicações desportivas: seis órgãos de clubes e de instituições desportivas, e quatro especializadas. Desse modo, em 1926 surgiram um total de 27 novos jornais desportivos em Portugal (continente e ilhas, nenhum nas províncias ultramarinas), número que superava o recorde de 1924, com 25 periódicos.

Entre as 13 cidades que albergaram as 26 novas publicações desportivas generalistas criadas em 1925 e 1926, Lisboa seria a que contaria com mais jornais (12), seguindo-se o Porto e a Póvoa do Varzim (dois títulos cada), restando dez cidades com um periódico: Viana do Castelo, Tondela, Covilhã, Coimbra, Tomar, Torres Vedras, Barreiro, Faro, Funchal (Madeira) e S. Miguel (Açores). O protagonismo de Lisboa torna-se mais claro quando se observa o total de periódicos criados entre 1924 e 1926: das 69 publicações periódicas desportivas lançadas nesses três anos, 33 tiveram origem na capital.

Dessas publicações destacaram-se duas. A primeira foi *Os Sportsinhos*, publicação semanal lançada pela Empresa Desportiva Gráfica (detentora de *Os Sports*), em 20 de agosto de 1925, tendo como público-alvo as crianças. Apresentado como o suplemento infantil de *Os Sports*, a nova publicação tinha o mesmo diretor (A. de Campos Júnior), custando 50 centavos, contando as suas oito páginas com seções específicas: “Sport Infantil”, “Os Contos de Acção”, “Adivinha, Adivinhão”, “Colaboração Infantil” e “Diga, que se responde...”. O seu primeiro número, de oito mil exemplares, esgotou, obtendo muito êxito entre os jovens. Para o sucesso inicial foi decisiva a forma como os jovens ardinas de Lisboa o promoveram, cativando a atenção do público de todas as idades, curioso para folhear o primeiro jornal desportivo infantil que se lançava em Portugal. Com uma abordagem gráfica e linguagem dirigidas às crianças e jovens portugueses, *Os Sportsinhos* faria 19 edições, cessando no dia de Natal de 1925.

Igualmente inovadora, mas dirigida a um público adulto e apreciador de bom jornalismo despor-

tivo ilustrado, seria a revista *Eco dos Sports*, cujo primeiro número, de 20 páginas (três com publicidade), saiu no domingo, 7 de março de 1926, ao preço de 1\$50 escudos, com o subtítulo de “Grande Revista Sportiva Semanal”. Na capa do número inaugural aparecia a fotografia, retocada a cor, de um sorridente Ribeiro dos Reis, uma das principais figuras do futebol português dos anos 1920. E a capa interior era dedicada ao jogo de futebol entre o Sporting CP e os húngaros do Szombathley, que tinham estado em Lisboa numa digressão. Ambas as imagens eram da autoria de F. Santos, que trabalhava para a Foto-Press, empresa fotográfica que contava com outros fotógrafos de prestígio, como S. Dinis, R. Reis e Ferreira da Cunha, todos eles com fotografias no número inaugural da *Eco dos Sports*. No editorial “À maneira de introito”, publicado na página dois, a direção esclarecia os leitores que não se tratava de uma revista de Lisboa, mas sim “uma revista de Portugal”. E não era “uma revista de foot-ball, simplesmente”, mas sim “de todos os sports, porque todos necessitam de propaganda e dum órgão gráfico que incite os novos e encoraje os atletas feitos”. No plano editorial, definia-se como “um órgão de crítica serena e desapaixonada” e “um repositório gráfico dos grandes acontecimentos sportivos, para criar estímulo, para criar energias, para numa palavra secundar a propaganda já iniciada, que tem como objetivo sublime, a criação de homens fortes, sadios, vigorosos, de homens que honrem uma raça que já *deu mundos novos ao mundo!*” A sua aparição no meio jornalístico desportivo representava “também uma bela afirmação do progresso das artes gráficas em Portugal”, ficando-se a dever a qualidade desse trabalho gráfico às Oficinas da Litografia Mata. Este número inaugural de 7 de março de 1926, além de publicar excelentes fotografias sobre futebol, ténis, vela, atletismo, remo e boxe, trazia na página três uma homenagem aos principais jornalistas desportivos da época.

A *Eco dos Sports* rapidamente conquistou os leitores, devendo-o principalmente às magníficas capas e fotografias desportivas que passou a publicar, principalmente nas páginas centrais. Em junho de 1926 já ostentava o cabeçalho “A primeira revista sportiva e a de maior tiragem em Portugal”, revelador da célere popularização e crescimento nas vendas. No entanto, apesar da inegável qualidade redatorial e gráfica, a *Eco dos Sports* iria sofrer, em finais de 1927, uma forte instabilidade editorial. Porém, em janeiro de 1928, a revista faria uma das melhores coberturas fotográficas de sempre a um evento

desportivo: para o sexto encontro de futebol entre Portugal e Espanha, disputado em Lisboa, em 8 de janeiro de 1928, o chefe dos serviços fotográficos da *Eco dos Sports*, Ferreira da Cunha, decidiu pedir a colaboração de mais três fotógrafos e realizar uma exaustiva cobertura fotográfica do jogo. A reportagem do VI Portugal-Espanha, repartida por duas edições da revista, totalizaria 44 fotografias (quatro feitas no Estoril na antevéspera, uma na bilheteira dos Restauradores na véspera e 39 no dia do encontro), repartidas pelos fotógrafos Arnaldo Silva (7), Cezar Antello (2), João dos Santos (5) e Ferreira da Cunha (30). Mas este episódico sucesso não lhe garantiu estabilidade, já que na edição 85, de 12 de fevereiro de 1928, anunciava uma interrupção, que viria a ser definitiva.

## Os efeitos imediatos da mudança política de 1926

O ano de 1926 seria de mudança política em Portugal, com implicações diretas no jornalismo desportivo. Chegou ao fim, de forma inglória, a I República (chamada de “Nova República Velha”), substituída por um golpe militar em 28 de maio de 1926 que impôs uma indefinida ditadura militar, a qual se transformaria numa ditadura civil (batizada de Estado Novo) com a chegada ao poder de Oliveira Salazar, em 1932. Assim, 1926 e os anos seguintes seriam tempos de instabilidade e indefinição política, em que primou a ausência de uma perspetiva estratégica, com a sociedade portuguesa a afundar-se, uma vez mais, num pântano de incertezas e incógnitas, levando a novas e profundas introspeções, quase sempre negativas, sobre a identidade nacional. Os editoriais dos jornais desportivos passaram a refletir essa mesma indefinição política. Na semana seguinte ao golpe militar, na edição de 4 de junho, um dos principais jornais desportivos portugueses, o *Sporting*, publicava o artigo “O momento político e o sport”, em que deixava claro essa mesma preocupação: “Mais uma revolução acaba de modificar por completo a direção política da nossa terra, não se sabendo ainda, o que seguirá”.

O que se seguiu, pouco tempo depois, foi a imposição da censura prévia à Imprensa, “assumida directamente pelos militares que chamaram a si, desde a primeira hora, a responsabilidade da organização e direção dos Serviços e execução das respectivas tarefas censórias” (Azevedo, 1999, p.375), as quais executavam através das comissões instaladas nos Comandos da Guarda Nacional Republicana-

na e nos Governos Civis. Mas o seu funcionamento inicial começou por ser muito deficiente e “os critérios de aplicação da lei sobre o exercício do direito de liberdade de imprensa, entretanto promulgada (Decreto n.º 12.008 de 2 de Agosto de 1926), careciam de uniformidade” (Azevedo, 1999, p.375), gerando muita contestação entre a classe jornalística, situação que só começaria a ser resolvida em setembro de 1926, com uma série de medidas para uniformizar os serviços de Censura em todo o país.

A totalidade dos jornais desportivos passou a apresentar, frequentemente na capa, outras vezes em páginas interiores, a nota: “Visado pela Comissão de Censura”. Mas era consensual entre os jornalistas desportivos que o dia-a-dia da imprensa desportiva não iria ser muito afetado pela censura, já que o jornalismo desportivo não era considerado prioritário, nem ideologicamente perigoso para o

censo. Em 2 de julho de 1926, o editorial “Duas figuras”, publicado na primeira página do principal jornal desportivo português, *Os Sports*, dirigido por Cândido de Oliveira (que viria a ser preso nos anos 1940, acusado de espionagem), afirmava que as resoluções políticas do novo governo nada interessavam ao jornal, sabido como era que “todos os jornais de desporto são neutros em matéria política”. E reforçava a ideia, lembrando que “em desporto não há política” e por isso mesmo “as convulsões políticas da nossa terra não prendem grandemente a atenção da massa desportista. Somos assim, os desportistas, uma força organizada e orientada noutro sentido... E felizmente que assim é. No dia em que os desportistas se agruparem ou se distinguirem uns dos outros pelo credo político que professam, ter-se-á perdido o desporto”.

---

## Referências

- ANDERSON, B. *Imagined Communities*. Londres: Verso, 1983.
- CABRAL, J.P. Existe uma cultura portuguesa? In: JORGE, V.O & SILVA, A.S. (Eds.). *Existe uma cultura portuguesa?* Lisboa: Difel, 1993.
- COELHO, J.N. *Portugal, A Equipa de Todos Nós – Nacionalismo, Futebol e Media*, Porto, Edições Afrontamento, 2001.
- COELHO, J.N. & Pinheiro, F. *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.
- HARGREAVES, J. *Sport, Power and Culture*. Cambridge: Polity Press, 1986.
- LOURENÇO, E. *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.
- PINHEIRO, F. *A Europa e Portugal na Imprensa Desportiva*. Coimbra: MinervaCoimbra, 2006.
- \_\_\_\_\_. *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.
- \_\_\_\_\_. *República, Desporto e Imprensa*. Porto: Afrontamento (Coleção História e Desporto), 2012.
- THOMPSON, J.B. *Ideology and Modern Culture*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- SEIDMAN, S. Relativizing Sociology. In: LONG, E. Ed.). *From Sociology to Cultural Studies*. Londres: Blackwell Press, 1997.

**Francisco Pinheiro** é investigador integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra, bolsista de pós-doutoramento da FCT e do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, além de coordenador do Grupo História e Desporto, em Portugal. E-mail: <franciscopinheiro72@gmail.com>.

Recebido para avaliação em março de 2013. Aprovado para publicação em abril de 2013.